

ABRIL | 2004

ambiente 93

www.revista-ambiente.com.ar

Construir con incertidumbre

Por Sérgio Magalhães*



favela
bairro

QUEM É O PAI DO FAVELA-BAIRRO?

O pai do Favela-Bairro sou eu.

A paternidade do maior programa social em desenvolvimento no país está sob questionamento. Nada mais arcaico e racionário. A polêmica não passa de uma impostação político-partidária.

A circunstância de eu ter sido o responsável, em 1993, pela formulação da Política Habitacional que criou o Programa Favela-Bairro, bem como a de ter sido, desde então, o titular da Secretaria encarregada de sua implantação, poderiam sugerir que o filho bonito é meu. É bem verdade que a sua criação custou muito trabalho e horas de sono, mas, mesmo assim, custou menos que o prazer de vê-lo saudável, útil e levando bem-estar para tantos.

O pai do Favela-Bairro é você.

É você, que sempre desejou uma cidade inteira, que conviveu com as diferenças e as respeitou, e que se indignou com as injustiças.

É você, Carlos Nelson, Marcílio, Zuenir, Lessa, Manuel, Betinho. Você, Conde, que, como arquiteto, imaginou possível a intergração das favelas e que, como Prefeito, teve e tem competência, persistência e habilidade para conduzi-lo e ampliá-lo.



O pai do Favela-Bairro somos todos nós.

Nós: homens e mulheres, com maior ou menor responsabilidade na implementação das políticas públicas, entre as quais o Favela-Bairro é uma expressão. Políticos de todos os matizes partidários, que ofereceram seu apoio e trabalho ao longo do tempo: Negrão, Brizola, Saturnino, Marcelo, César. Somos nós, poetas e seresteiros, que cantamos a favela e ajudamos a quebrar o preconceito em relação às diferenças urbanas. Somos nós, funcionários públicos, em todas as repartições e nos canteiros: Márcia, Nando, Davi, Lu, Sandra. Construtores, operários, jornalistas, educadores, religiosos, somos nós.

O pai do Favela-Bairro são eles, os moradores das favelas do Rio,

que resistiram, geração a geração, contra as remoções compulsórias. São eles, Tito, Amaro, Passos, PC, Hércules, Josés e Marias que construíram suas casas tijolo-a-tijolo, dia-a-dia, e que mantiveram a esperança de uma vida melhor para suas famílias, que não desistiram nem se entregaram, mas que, ao contrário, ajudaram a construir uma cultura rica e diversificada. Uma cultura carioca e brasileira.



Hoje, são 116 favelas contempladas. Algumas delas em fase de projeto, outras em obras e as já concluídas. São 450 mil habitantes atendidos até o momento. Os recursos que a Prefeitura contratou junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento, à Caixa Econômica Federal e à União Européia permitirão alcançar, nos próximos anos, uma população de, aproximadamente, 70% dos moradores de favelas. São obras de integração urbanística, mas, sobretudo, de desenvolvimento social.

Embora "filho bonito", o Favela-Bairro não é panacéia para todos os males urbanos ou sociais de nossa cidade. Ele constitui, sim, importante instrumento de redução da pobreza e de fortalecimento da cidadania. Mas não é, nem pode ser, o único.

E, quanto a isso, o Rio de Janeiro está consciente, implementando outras ações que se desdobram e se fortalecem mutuamente na áreas de Educação, Saúde, Assistência Social e geração de trabalho e emprego. (Não é único e tem irmãos na Política Habitacional: o Programa Morar Legal, que integra os loteamentos irregulares; o Morar Sem Risco, que reassenta as famílias que vivem em áreas de risco não urbanizáveis; o Morar carioca, que estimula a construção de novas casas; o Bairrinho, que está voltado para a integração das pequenas favelas; o Novas Alternativas, que vem recuperando os antigos casarões e cortiços).



Embora "filho bonito", o Favela-Bairro está aberto às críticas.

Aceitálas é também condição para que o Programa possa ser aperfeiçoado. Seu crescimento não é desprovido de perigos, de complexidades e de desafios. Não estejamos iludidos. E é necessário persistir em seu carácter não partidário -esse é o desejo da cidade-.

O pai do Favela-Bairro tem o seu DNA

composto lá na origem dos movimentos libertários e os seus genes resultam da história e das lutas pela cidadania. Personalizar sua paternidade é reduzi-lo reacionariamente, é diminuí-lo arcaicamente.



